



**RELATOS: ARTE-VIDA, CONFLUÊNCIAS E COSMOLOGIAS AFRO-INDÍGENAS
PERIFÉRICAS**

Educação, cultura, vida e rezos

**REPORTS: ART-LIFE, CONFLUENCES AND PERIPHERAL AFRO-INDIGENOUS
COSMOLOGIES**

Education, culture, life and spirituality

**INFORMES: VIDA-ARTE, CONFLUENCIAS Y COSMOLOGÍAS AFRO-INDÍGENAS
PERIFÉRICAS**

Educación, cultura, vida y rezos

*Vanessa Rosa de Araujo*¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

vanessarosa.teatro@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8978-4977

Resumo

Esse artigo contempla a criação de relatos a partir das experiências e estudos sobre a prática educacional desenvolvida pelo povo Guarani Mbya no Centro de Educação e Cultura Indígena Tenondé Porã, para as crianças de zero a seis anos moradoras da aldeia. Durante cerca de quatro anos de pesquisas, reconhecendo os valores, saberes e processos educacionais que fomentam o fortalecimento cultural e ensino sobre a vida dos povos Guarani, em enfrentamento a imposição sócio educacional euro-cristã, pude mergulhar numa pesquisa-vida em diálogo com minhas memórias de infância, saberes de família e a presença da construção cultural e territorial periférica nordestina na cidade de São Paulo. Todo esse processo me levou a compreender as importantes e significativas mudanças no campo de atuação no processo de pesquisa e ensino teatral, em específico na linguagem da comicidade no Brasil. Na união desses saberes nasce o Terreiros do Riso em busca por ouvir, referenciar e dar visibilidade aos diversos caminhos e histórias culturais afro-orientadas e afro-indígenas na produção artística estética cômica. Conclui-se que saber de figuras cômicas indígenas e afro-diaspóricas, e seguir caminhos de aprendizado sobre o riso como uma tecnologia de sobrevivência, me faz habitar por uma produção artística que não tem como fim um ato cênico, mas que apreende a força da construção simbólica em todo o processo, reconhecendo no brincar, nas dramatizações, uma fonte de alimento de saberes de um “Teko Porã”. Compreendendo o meu fazer com um diálogo

¹Vanessa Rosa é artista do riso, atriz, palhaça e educadora, estuda máscaras cômicas desde 2006, e tem uma pesquisa-vida chamada Terreiros do Riso. Orienta grupos e ministra oficinas sobre comicidade afro-indígena nas periferias da cidade de SP.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

social e coletivo, em todas as esféricas e dinâmicas políticas presentes em habitar pindorama.

Palavras-Chave: Cosmologias; Relatos; Educação indígena; Memória.

Abstract

This article contains the creation of reports based on the myself experiences and studies about the educational practice developed by the Guarani Mbya people on the Tenondé Porã Indigenous Education and Culture Center, for the children from 00 to 06 years old who live in the indian village. During about four years of research, recognizing the values, knowledge and educational processes that support a cultural fortification and education about the life of the Guarani peoples, confronting the Euro-Christian socio-educational imposition, I immersed myself in a life research in dialogue with my childhood memories, family knowledge and the northeastern peripheric cultural and territorial construction in the city of São Paulo. This process led me to understand important and significant changes in the theatrical research and teaching process, specifically in the language of comedy in Brazil. Terreiros do Riso was born by the union of these knowledges, seeking to listen, reference and give visibility to different afro-oriented and afro-indigenous cultural knowledge in the comic aesthetic artistic production. I conclude that knowing about indigenous and Afro-diasporic comic figures, and following learning paths about laughter as a survival technology, makes me live in an artistic production that does not end with a scenic act, but that apprehends the strength of symbolic construction throughout the process, recognizing in play, in dramatizations, a source of food for knowledge from a "Teko Porã". Understanding my doing with a social and collective dialogue, in all spherical and political dynamics present in inhabiting pindorama.

Keywords: Cosmologies; Reports; Indigenous education; Memory.

Resumen

Este artículo contempla la elaboración de informes a partir de las experiencias y estudios sobre la práctica educativa desarrollada por el pueblo Guaraní Mbya en el Centro de Educación y Cultura Indígena Tenondé Porã, para niños de cero a seis años residentes en la aldea. Durante unos cuatro años de investigación, reconociendo los valores, saberes y procesos educativos que propician el fortalecimiento cultural y la enseñanza sobre la vida de los pueblos Guaraní, frente a la imposición socioeducativa euro cristiana, pude sumergirme en una vida-investigación en diálogo con los recuerdos de mi infancia, el conocimiento familiar y la presencia de la construcción cultural y territorial periférica del nordeste en la ciudad de São Paulo. Todo este proceso me llevó a comprender los cambios importantes y significativos en el campo de acción en el proceso de investigación y enseñanza teatral, específicamente en el lenguaje de la comedia en Brasil. De la unión de estos conocimientos nace Terreiros do Riso en busca de escuchar, referenciar y visibilizar las diversas trayectorias e historias culturales afro-orientadas y afro-indígenas en la producción artística estética cómica. Concluyo que conocer figuras cómicas indígenas y afro-diaspóricas, y seguir caminos de aprendizaje sobre la risa como tecnología de supervivencia, me hace vivir en una producción artística que no termina con un acto escénico, sino que capta la fuerza de la construcción simbólica en todo el proceso. , reconociendo en el juego, en las dramatizaciones, una fuente de alimento para el

ARAUJO. Vanessa Rosa. Relatos: Arte-Vida confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 162-173, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



conocimiento de un “Teko Porã”. Entendiendo mi hacer con un diálogo social y colectivo, en todas las dinámicas esféricas y políticas presentes en el habitar pindorama.

Palabras-clave: Cosmologías; Informes; Educación indígena; Memoria.

NARRATIVAS POÉTICAS

Preciso agora me localizar em algumas experiências vividas, e espero que cada um também se localize de forma parecida! (Santos, 2015).

NASCIMENTO – RELATO 01

Todos os dias meus olhos atravessam a janela gradeada de meu quarto, miram os vasos de plantas espalhados pelo chão, que dividem o sol com as roupas penduradas no varal. É de mãe que aprendi a encher a casa de plantas. De infância, quando tínhamos um grande quintal, diante do tamanho que eu era, lembro-me de correr por debaixo das samambaias, dos altos pés de roseiras, minhas plantas dos pés sabiam a espessura do chão de cimento batido, e meu corpo lembra a sensação de voar quando subia na laje e o vento balançava meu vestido. Na memória carrego um tanto da minha infância.

Quando saíamos à rua, me recordo de meu pai cumprimentar quase todas as pessoas que passavam por nós. Conhecido vendedor do bairro, ofício que desenvolveu cedo, depois que saiu do exército, mãe disse que se ele seguisse a vida na polícia largava dele. Ele tentou viver de arte, em suas mãos carrega a sabedoria das pinturas, das esculturas, do fazer brotar aquilo que ele dissesse, “isso aí eu sei fazer”! Ele modelava bonecos e assava no fogão, mas o gás acabava antes do mês, e teve que escolher outra profissão. Manteve-se nas pinturas, se tornou letrista, letrado até a oitava série. Mãe trabalhava nas casas de madames, mas depois que meu irmão mais velho nasceu,

passou a trabalhar em casa e com meu pai também.

Ela da Bahia, ele de Pernambuco. Os dois vieram pra São Paulo, buscar uma vida melhor. De casa em casa, de bairro em bairro, de desejo a despejo, vieram parar aqui na divisa de Cidade Dutra e Grajaú, onde eu nasci e me criei. Conheci o caminhar no mundo com minha mãe, a pegar o “busão”, a cortar caminhos pelas vielas, a saber negociar nas barraquinhas em Santo Amaro, bairro na cidade de São Paulo. Depois de crescida eu vi que a feira de Maiquinique, e Santo Amaro da Bahia, cidade onde mãe nasceu, tem um tanto de Santo Amaro daqui.

Descrever quem eu sou, pela memória que carrego da infância e os saberes de família que me abarcam, narra o teatro que vivo. Aprender a replantar o nosso território, é herança de sobrevivência. Educação, cultura e espiritualidade caminham juntas, e é nessa sabedoria que oriento em meu fazer artístico.

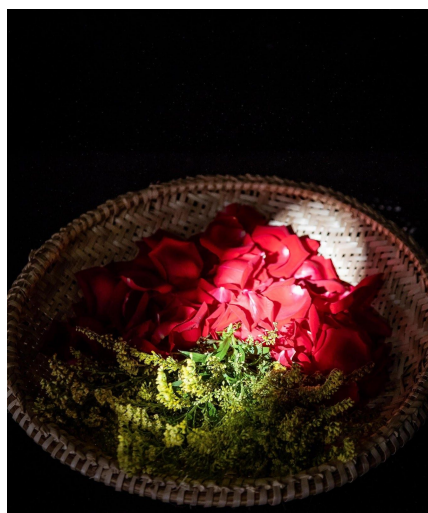


Imagem 1. Flores usadas no espetáculo: “Experimento Brincado - Depois de Amanhã É Ontem” do Terreiros do Riso. **Registro:**

ARAÚJO. Vanessa Rosa. Relatos: Arte-Vida confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 162-173, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Fernando Solidade. **Fonte:** Acervo pessoal da autora.

CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO – RELATO 02

Nas caminhadas com minha mãe, vimos uma folha pregada na parede de um galpão com os dizeres: Teatro Vocacional² aqui. Desde pequena eu dizia que seria “atora”, e meu pai, havia tido visão em sonho, que eu seria mesmo. Isso aconteceu há dezesseis anos.

Passei anos em instituições de ensino e cursos livres, buscando ferramentas técnicas e conhecimento sobre o teatro com foco na comicidade. Programas e editais públicos para a produção cultural realizados nas periferias da cidade, também fazem parte da minha trajetória, contribuindo com o rompimento estético e epistemológico presente em muitas técnicas eurocêntricas tidas como um conhecimento universal na área teatral.

Numa busca por um fazer artístico que dialogasse com meus outros ambientes de ensino e aprendizagem, bem como o teatro feito na rua, os saberes de família, a produção artística coletiva periférica, a espiritualidade, o reconhecimento e identificações e aprendizado com diversxs mestrxs³ e brincantes em diversas manifestações populares nordestinas, junto aos aprendizados referentes à educação indígena, pude aos poucos, compreender as relações de influências, confluências e cosmologias no campo das artes. E nesse mediar, muitas perguntas nascem para compreender a produção artística em diálogo com uma

² O Programa Vocacional é um projeto da Prefeitura da Cidade de São Paulo que promove atividades artísticas nas linguagens de teatro, dança, literatura, música e artes integradas através da formação e orientação de grupos e turmas nos mais diversos espaços públicos espalhados pela cidade de São Paulo.

³ Como proposta de uma linguagem que considere e contemple uma diversidade de gêneros, irei usar o x em palavras que na norma ortográfica, esteja apenas referida ao masculino.

sociedade calcada numa falsa democracia racial. Bem como pode nos ajudar a compreender, Antônio Bispo dos Santos partilha:

O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afropindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo puro monoteísta (Santos, 2015, p. 37).

Passei anos achando que deveria estudar muito a cultura dos brancos, para fazer teatro. Mas, na busca por compreender outros caminhos e modelos de ensino, nesses relatos que aqui seguem, compartilharei um pouco os aprendizados referente ao diálogo com os saberes indígenas. Como uma alavanca coletiva que possibilita ser quem eu sou, traço narrativas poéticas, como uma construção de uma teia, desviando do vazio que o sistema colonial nos quer fazer ser. Assim, completa Antônio Bispo:

No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas. No entanto, na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes (Santos, 2015, p.38).

Sigo no embaralhar desses relatos, ressignificando memórias e experiências, compartilho as encruzilhadas nas quais me movimento.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

COMEÇO, MEIO E CONTINUIDADE – RELATO 03

Como combinado com o coordenador do Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI), cheguei bem cedo para acompanhar o início das atividades do dia.

O café foi servido e logo em seguida todas as crianças e educadorxs se direcionaram para a *opy* (casa de reza), para dançar e cantar ao som de mais um dia.

Empilham ao fundo da *opy* madeiras para se acender uma fogueira, nesse dia assamos milho.

As crianças brincavam enquanto o fogo esquentava o milho. Xs educadorxs não aparentavam pronunciar ordens, brigar com as crianças e nem as obrigavam a ficar paradas, quietas, coisa comum de se ver numa escola infantil não indígena.

O sol brincava de se esconder pelas nuvens e aparecer de tempo em tempo, o suficiente para que pudéssemos realizar uma trilha pela mata.

Esse foi o primeiro de muitos dias que presenciei uma educação, cujo fundamento reconhece e valoriza as crianças como uma força dinâmica de movimento criativo cultural, tratando-as como um ser integrado ao todo e com saberes que correspondem à educação de indivíduos diante da ação coletiva.

O diálogo e a importância de reconhecer a participação de cada elemento e ser vivente na formação e sustentação de um sistema é uma profunda sabedoria milenar educacional, cujo modo de ensino revela a integração das forças que constituem um povo. Reconheço a oposição feita a uma educação hegemônica que visa à fragmentação do sistema, cujo indivíduo

busca se localizar em alguma parte, sem reconhecer a contribuição e ação de todos os elementos que compõem suas bases fundamentais de convívio. Por assim compreendo que, “no contexto Guarani, a infância permite justamente uma politização da natureza e uma naturalização da política.” (Nogueira; Barreto, 2018, p10).

Memórias de infância! O cheiro de bolo de mandioca com coco de minha mãe e a quentura do forno. Cultura, educação, vida e rezo caminham juntas, e esse reconhecer educacional, me fez repensar e questionar o percurso exaustivo que realizo entre aquilo que eu sou em oposição ao racional tecnicismo eurocentrado presente na minha formação cênica.



Imagem 02. Parede *opy* (casa de reza). **Registro:** Vanessa Rosa. **Fonte:** Acervo pessoal da autora.

TEKO PORÃ – RELATO 04

Durante meu processo de aprendizado estive com Nhande`i va`e, conhecidos como Guarani Mbya.

Na capital da cidade de São Paulo, o território Guarani se localiza em duas regiões, no extremo sul em Parelheiros e no Jaraguá, localizada na região noroeste.

O local de ensino que frequentei está situado na *tekoa* (lugar de costume e modo de vida, aldeia) Tenondé Porã (*tenondé*: pra frente, onde o sol nasce, horizonte; *porã*: bonito) localizada no Extremo da Zona Sul de



TEATRO: criação e construção de conhecimento

São Paulo em Parelheiros, no bairro Barragem.

Com o objetivo de criar um espaço para garantir a autonomia e as raízes no aprendizado das crianças indígenas, as lideranças Guarani Mbya, junto com a Secretária Municipal de Educação de São Paulo, criaram os Centros de Educação e Cultura Indígena (CECI), vinculados ao Centro de Educação Infantil Indígena (CEII). Os centros foram construídos dentro das *tekoas* Krukutu, Jaraguá e Tenonde Porã, localizadas nas periferias da cidade de São Paulo. Esses centros visam o ensino das crianças Mbya de 0 a 6 anos de idade, através de propostas pedagógicas elaboradas a partir das práticas e saberes dos povos Guarani Mbya.

O tempo da experiência da criança é respeitado e o conhecimento vai crescendo junto com ela, sem a necessidade de cobranças e imposições de regras. A autonomia e a emancipação dos processos de apreensão dos saberes acontecem sem a necessidade de testar conhecimentos e gerar resultados. O importante é vivenciar, com liberdade para descobrir os seus próprios limites e impulsos. O corpo sem limitadas regras e imposições é, nesse caso, o maior canal para a aprendizagem.

A partir dos sete anos é que se inicia o diálogo com os aprendizados do sistema não indígena, é comum muitas crianças ao saírem do CECI, mostrarem dificuldades em se adaptar às novas formas de ensino.

Antes da criação dos CECIs o ensino se dava pela família e no cotidiano da vida na aldeia. Pelo forte processo de invasão territorial e a imposição da cultura não indígena, a criação de escolas e centros educacionais como o CECI, foram as alternativas que as lideranças e os mais velhos encontraram para fortalecer a cultura do seu povo.

Todx xs funcionárixs que trabalham nos CECIs, exceto alguns os *juruás* (não indígenas) que intermediam as relações com a Prefeitura, são Guarani.

As aulas-atividades são realizadas por cerca de seis educadorxs por período, sem divisão das crianças por idades e sem a exclusão da participação de outras pessoas da comunidade. Nessa perspectiva, esse modelo escolar trabalha conjuntamente com a educação familiar e social da aldeia, propondo ser mais um espaço para os encontros entre as crianças, adultos e os mais velhos. Percebe-se a ideia de um núcleo familiar, cujas funções se complementam para a criação de um espaço de aprendizagem, revelando que o saber também ocorre pela transmissão e gerenciamento do conhecimento entre todxs.

As crianças Mbya não são preparadas para ser alguém quando crescerem, elas já o são, no presente, no dia a dia, aquilo que carregam como sua verdade nesse mundo. Esse é um dos modos como os Mbya compreendem a existência: firmando sua presença e força em saberem quem são, para assim, saberem para onde seguir.

(...) você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde vai (...) Isso não é só importante para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo. (Krenak, citado por Munduruku, 2012, pág. 49.)

O teatro na periferia me levou a conhecer profundamente o território, esse composto por diversas comunidades, diversidades e pluralidades de existências.

Em 2017, finalizei as escritas do meu trabalho de conclusão de curso: *Juruá quer fazer Nhandereko - educação indígena, cultura, vida e rezos*, que nasceu desse rico processo de aprendizado sobre as práticas



TEATRO: criação e construção de conhecimento

educacionais desenvolvidas na Aldeia Tenondé Porã. Durante o percurso, minhas memórias de infância foram fortemente acessadas, e aos poucos pude compreender que conhecer sobre a prática educacional dos Mbya me levava a um processo profundo de reconhecimento de minhas raízes e ancestralidades, entendendo que falar sobre educação escolar, era falar sobre educação familiar, cultura, vida e espiritualidade.

O tempo, o silêncio e o aprender com o coração - alguns dos fundamentos presentes para um Teko Porã - simplificada e traduzido como bem viver, me possibilitou sair do papel de pesquisadora acadêmica, para ser novamente uma aprendiz nesse mundo, construída pelas memórias de ser parte de um todo e assimilar com minhas experiências de matrizes afro-orientadas, um olhar profundo de reconhecimento, bem como descreve Eduardo Oliveira:

Interagir com o meio faz parte desta perspectiva mais aguda de conhecer o mundo. É aqui que temos o alter-conhecimento. É conhecimento do Outro. Outro como devir. Devir-sagrado, devir-animal, devir-planta, devir-mineral, devir-tempo... É impossível conhecer aquilo que eu sou se eu não conheço aquilo com o qual eu interajo. Eu sou o meio com o qual interajo. Eu sou aquilo com o qual me relaciono. Eu, em última instância, sou relacionamento! Sou movimento! (Oliveira, 2005, p 81).

APRENDER COM O CORAÇÃO – RELATO 05

O atual modelo de sociedade em que estamos inseridos nos faz esquecer de quem realmente somos, não deixando-nos olhar para o fundo de nossa essência, para conseguir atravessar as barreiras do desconhecido. Junto a isso, a imensa fonte de informações na qual estamos mergulhados, os maus hábitos alimentares, o egoísmo, o desamor e a falta de bom senso estão nos conduzindo para uma vida insana (Takuá, 2018, p. 5).

O que compartilhava eu com meus parentes? Quando nos reuníamos em uma roda de conversas e silêncios? Quais nossos alimentos e as sabedorias que temos sobre aquilo que comemos? Quais as histórias que viveram nossos ancestrais e antepassados? Quais as histórias que ouvi sobre como viver nesse mundo? Quais eram nossas formas de cuidados uns com os outros? Quem eram aqueles que vieram antes de mim? Quem são os meus parentes? Por que vivi tantos anos dentro de escolas? O que eu aprendi nessas instituições de ensino? Quais são os nossos segredos?

Eu aprendi de novo a olhar, a ter curiosidade, a aprender a perguntar, a ficar em silêncio e ver meu corpo-memória. Reconhecer as tantas simbologias de resistências afro-diaspóricas, presentes no meu cotidiano. Na fase da adolescência eu me distanciei desses saberes, na busca por uma formação que correspondesse a ser alguém na vida.

Compreender a importância da criança na construção social guarani, me faz refletir sobre o meu processo de aprendizagem, não apenas com a minha fase da infância, mas na ativação de saberes que me fazem ser novamente uma aprendiz, e assim como as crianças, estar num contínuo processo de diálogo com o todo que me cerca, ouvindo os sinais.

Para os Povos Indígenas, a natureza é quem dá sentido à vida. Tudo em seu equilíbrio. Como uma imensa teia, na qual tudo está interligado, um organismo vivo. O seu poder está em nos direcionar, nos mostrar o caminho de luz a trilhar em busca de sabedoria. Cada sinal que recebemos tem um significado para nossa vida.

O canto de um pássaro pode indicar algo, os trovões que passam são sinal de que algo está pra acontecer, as formigas no meio do caminho, as formas das nuvens, a direção do vento, enfim, muitos presságios nos são transmitidos pelos sinais da natureza, que com sua delicadeza e sabedoria vão nos guiando e nos ensinando como bem viver, que em

ARAUJO. Vanessa Rosa. Relatos: Arte-Vida confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 162-173, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

guarani se fala: Teko Porã, um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa exatamente essa grande Teia, onde vivemos em equilíbrio, respeito e harmonia; é a representação da boa maneira de Ser e de Viver (Takuá, 2018 p2).

ENTRE – 06

São Paulo é grande!

E da janela do ônibus eu via a paisagem ficar mais verde e mais tranquila. Eu ia me desprendendo dos barulhos dos carros, das máquinas e das multidões aceleradas. Caminhar na estrada de terra e avistar a mudança da ocupação territorial e energética do espaço, em plena cidade de São Paulo, era reconhecer a força da construção de imaginário em diálogo ao território.

Matérias de ensino eram árvores, plantas, o corpo em movimentar, o silêncio, as poucas e precisas palavras, o tempo e as escutas. Ouvir a mata, reconhecer as plantas e o tempo do plantio dos alimentos, o tempo que se pode caçar para que não se interfira no processo de reprodução dos animais, respeitar a noite, os ciclos da lua, respeitar a sabedoria das plantas, a sabedoria de quem já viveu mais tempo que a gente nesse mundo e a sabedoria de quem acaba de chegar para iniciar sua jornada.

Reaprendi com os povos indígenas que família é aquilo que temos de mais precioso e que parente são aqueles que compartilham a vida com a gente.

ESPIRITUALIDADE, ANCESTRALIDADE E MOVIMENTO – RELATO 07

Minha família é daquelas, católica, espírita macumbeira, que cruza leituras de salmos, rezos com galho de arruda, alhos e sal grosso pelos cantos da casa, chás, ervas, simpatias e curas. Aprendi a agradecer, mesmo quando nem tudo está bem, a ouvir o tempo, a

respeitar os sinais da natureza e a festejar a fartura. O saber e a força das palavras. Quantas vezes mãe ralhava com alguém por usar uma palavra que não era de bom som para a harmonia da casa. Até hoje é assim, antes eu não sabia, e talvez eles também não o saibam, mas aprenderam e assim vivem, repassando às novas gerações esses saberes. A ancestralidade se faz presente, mesmo quando não a sabemos.

No processo de aprendizado junto aos Guarani Mbyá, pude compreender uma dinâmica que aproximava a essas aprendizadas em contextos das mais diversas manifestações afro-orientadas. Dessa maneira passei a observar as confluências das diversas formas de ser e estar, em diálogo com a ancestralidade.

Desse encontro de tradições da terra nasce uma filosofia da ancestralidade. Firmada no encontro dos índios africanos com os índios latino-americanos, ou seja, dos nativos de lá com os nativos daqui. Ambos em situação de marginalização e opressão, souberam, cada qual a seu modo, re-inventar seu ethos em meio a uma situação de desvantagem social (Oliveira, 2006, p. 283).

Traçar essa compreensão de forças que se encontram em uma confluência cosmológica, pode me orientar diante o processo de aprendizado referente à educação indígena, e por assim, também me localizar diante as minhas vivências enquanto mulher, negra, artista periférica, cujas assimilações abarcavam também a composição histórica de luta dos povos indígenas e povos negros, que ainda hoje enfrentam um grande epistemicídio.

O teatro que eu vivi durante um tempo, me transportava para a assimilação de modelos eurocentrados sobre a cena. Isso ocorria das suas mais diversas maneiras, seja na compreensão do uso cênico espacial, a relação com o público, o entrar e sair de cena, o tempo cênico, o corpo e a voz, entre muitos outros símbolos e também códigos teatrais.

ARAUJO. Vanessa Rosa. Relatos: Arte-Vida confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 162-173, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



Não há problemas em se estudar formas teatrais europeias, desde que elas não sejam postas como universais e detentoras de um saber, ainda mais em um país que habita uma extensa diversidade e pluralidade de povos.

Assim, quando me refiro a uma compreensão de reconhecimento de si, diante de uma educação que possa oferecer uma visão de mundo pautada por uma apreensão coletiva atuante a cada elemento da natureza, estou também, relacionando essa ação de estar no mundo, como uma forma estética de se pensar, de partilhar e de produzir arte, por assim dizer: como podemos identificar o “fazer teatral” no diálogo e atuação dessas outras epistemologias?

Dessa maneira, compartilho essa grandiosa fala de Antônio Bispo, que ajuda a reconhecer esses enfrentamentos estéticos, sabendo-o como uma das mais diversas formas de nos destituir de nossas culturas, pela imposição de formas e conceitos artísticos, por assim dizer:

As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaia e/ou aplausos.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juizes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As

peças que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (Santos, 2015, p. 41).

Com o tempo passei a aprender mais sobre toda simbologia construída e mantida pela minha família e muitas outras famílias migrantes nordestinas para as periferias da cidade de São Paulo, reconhecendo ali, muitos dos saberes necessários para uma construção teatral que pudesse contemplar diversas vozes, soterradas por uma produção artística branca hegemônica.



Imagem 3. Elementos – I FESTEJO/Terreiros do Riso – Registro: Sergio Fernandes. Fonte: Acervo pessoal da autora.

TERREIROS DO RISO – RELATO 08

Num jogo entre capital, imaginários e a continuidade de um projeto de embranquecimento populacional, busco compreender o que pode vir a ser uma comicidade negra e afro-indígena. Muitas vezes, ouço as pessoas falarem que elas jamais haviam pensando na diversidade e pluralidade de figuras cômicas, e quase sempre, quando começo a contar sobre minha pesquisa, me descrevem alguém que seja da família e que é transportadora do riso. O que me faz construir um pensamento que

ARAUJO. Vanessa Rosa. Relatos: Arte-Vida confluências e cosmologias afro-indígenas periféricas. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 162-173, 2020. Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

visa à celebração ancestral, o riso em ritualística e rebeldia numa ética do não esquecimento. Segundo Carmem Luz, trata-se de:

Uma ética corporal que evoca, repassa, celebra e expõe o que não pode ser esquecido, que atualiza os antepassados, dá a ver a herança recebida, fortalece as possibilidades de se manter e, ao mesmo tempo, de se ir adiante. Desse modo, não se pode esquecer e deve-se lembrar da força comunitária e de tudo o que lhe dá fundamento (Luz, 2019, p.82).

A transmissão de saberes ancestrais tidas em espaços como o terreiro afirma-se como território político-mítico-religioso (Sodré, 1988), sendo a constituição desse espaço uma forma de reterritorializar conhecimentos, num diálogo com a alegria como experiência radical, de uma comunicação original com o mundo (Sodré, 1988). É na união desses saberes que nasce o Terreiros do Riso em busca por ouvir, referenciar e dar visibilidade aos diversos saberes e histórias culturais afro-orientadas e afro-indígenas na produção artística estética cômica.

Diante da quantidade de caminhos que se apresentam e do desejo de encontrar parceirxs de jornada, em 2018 com o apoio do Proteção e Promoção das Culturas Negras do Estado de São Paulo (PROAC), pude desenvolver junto a diversxs parceirxs o projeto “Laroyê-Mojubà: O riso pede passagem”. Em alusão ao programa de rádio “O samba pede passagem”, apresentado por Moisés da Rocha, na Rádio USP FM 93.7, como jeito de difundir a diversidade cultural do samba, pedimos também a licença para nosso riso passar, saudando Exu, o comunicador e transportador do Axé⁴, sendo ele nosso guia para assentarmos o nosso Terreiros.

Axé é o próprio princípio de constituição de cultura, o sentido da Arkhé. E como na origem do étimo (agri-cultura), é algo que se planta, cresce e se expande. A fundação de

um terreiro começa com o “plantio” do axé no solo, onde é conversado e simbolicamente realimentado pela comunidade. Desenvolver essa força é a regra – obrigação de todos os iniciados, já que cada um deles, por meio do ritual, é receptor e impulsor de axé.

Um Orixá, Exu – princípio cosmológico de individualização e movimento, responsável pela dinamização do sistema simbólico nagô – transporta o axé. Este, portanto, além de crescer, transmite-se às coisas e às pessoas, principalmente pelos ensinamentos dos mais velhos (Sodré, 1988, p. 95).

Assim, em parceria com o Centro Cultural Grajaú, localizado no bairro extremo sul de SP, fizemos acontecer o “I FESTEJO – Festival em Festa da Palhaçaria no Brasil: raízes negras e indígenas” realizado nos dias 24 e 25 de Novembro de 2018, um festival com protagonismo negro em diálogo com as referências indígenas. Foram dois dias de apresentações, rodas de conversas, cenas, músicas e trocas de saberes.

Saber de figuras cômicas indígenas e afro-dispóricas, e seguir caminhos de aprendizado sobre o riso como uma tecnologia de sobrevivência, me faz habitar por uma produção artística que não tem como fim um ato cênico, mas que apreende a força da construção simbólica em todo o processo, reconhecendo no brincar, nas dramatizações, uma fonte de alimento de saberes de um “Teko Porã”. Compreendendo o meu fazer com um diálogo social e coletivo, em todas as esféricas e dinâmicas políticas presentes em habitar pindorama.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – RELATO 09

Temos urgência para seguirmos devagar apreciando a paisagem!

Com a memória marcada de muitos encontros, escuta de mestrxs e a experiência de dinâmicas outras sobre uma comicidade negra, junto aos caminhos e aprendizados com os Guarani Mbyá, não me antecipo em verdades. Vou para a prática. Corpo em

⁴Axé: pode ser lido como força vital.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

movimento. Como bem ouço dxs mais velhxs no axé e bem descreve o babalorixá⁵ Rodney William:

Exu fala todas as línguas, come tudo que a boca come, bebe tudo que a boca bebe. Ordem e desordem do universo. Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro (William, 2019, p. 20).

Em analogia à sabedoria de Sankofa⁶, “voltar e apanhar, de novo, aquilo que ficou para trás”, quantas vezes for necessário. Oralidade. Corporeidade. Cosmovisão. Ubuntu⁷. Teko Porã.

Cantar os passos, dançar uma história e manter viva a memória daquelas e daqueles que vieram antes de mim. É mais do que uma homenagem, do que uma saudação é cultura que não se cansa em resistir, até numa simples lembrança. É ancestralidade. Desenhei meu caminho muitas vezes ao som da intuição e tambores, que não se calaram dentro de mim, herança em sangue vivo que carrego nas veias e curvas do corpo. É pele marcada de histórias que existem, mas não puderam muitas vezes ser contadas. Do silêncio de menina, a desobediência aguardava se rebelar ao que parecia tão certo. Não segui a procissão e no barracão vi raiar o dia. A cada passo, ouço mais forte o bater dos tambores, das bexigas de boi, dos ecos dos agogôs e balançar dos trupes, maracás e quadris que me movem, em um imenso festejo de fazer levantar poeira de um passado recente. Está vivo, é dinâmico. Nas ruas e terreiros ele pulsa e continua a abrir

caminhos. Laroyê Mojubá⁸: o riso pede passagem! Aguyjevete⁹ pra que luta!!!



Imagem 4. Espetáculo: “Experimento Brincado – Depois de Amanhã é Ontem” do Terreiros do Riso - na foto Vanessa Rosa. **Registro:** Fernando Solidade. **Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Recebido em: agosto/2020

Aprovado em: dezembro/2020

Publicado em: março/2021

⁵ Babalorixá: liderança espiritual de terreiros de matriz africana, pode ser lido como “pai de santo”.

⁶ Sankofa: simbologia presente nas culturas dos povos de língua Akan da África Ocidental, é também um símbolo Adinkra, e pode ser lido como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carrega no seu bico um ovo, o futuro.

⁷ Ubuntu: Conceito filosófico ético africano, que pode ser lido como “ser-sendo/total-idade”, e/ou “eu sou porque nós somos.”

⁸ Laroyê – pode ser lida como “mensageiro”; Mojubá – pode ser lida como “meus respeitos”. Palavras usadas para saudação ao Orixá Exu. Laroyê, Exu Mojubá, pode ser lida como “Meus respeitos ao mensageiro!”

⁹ Aguyjevete – pode ser lida como “saudações”.



REFERÊNCIAS

- LUZ, Carmem (2020). *Técnicas de vida e morte: breves notas para dançar*. O Menelick 2ºato, Rio de Janeiro, fevereiro de 2020. Disponível em: https://issuu.com/omenelick2ato/docs/menelick_fev2020_issuu>. Acesso em: 18 de abril de 2020.
- MUNDURUKU, Daniel (2012). *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970- 1990)*. São Paulo: Paulinas.
- NOGUEIRA, Renato; BARRETOS, Marcos (2018). Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 14, n. 31, pp. 625-644.
- OLIVEIRA, Eduardo de David (2005). *Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Dissertação de Doutorado. Fortaleza: UFC.
- SANTOS, Antônio Bispo dos (2015). *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: UNB-COCNPQ.
- SODRÉ, Muniz (1988). *O terreiro e a cidade: a formação social negro-brasileira*. Rio Janeiro: Editora Vozes.
- TAKUÁ, Cristine (2018). *Teko porã: o sistema milenar educativo de equilíbrio*. Rebento, São Paulo, nº 9, pp. 5-8.